



Reclusos do Linhó aprendem a arte da gentileza a dançar

O grande auditório da Fundação Calouste Gulbenkian recebe amanhã o espectáculo dirigido por Olga Roriz. É o ponto alto do projecto “Corpo em Cadeia” desenvolvido por Catarina Câmara

Reportagem

Ana Cristina Pereira Texto
Paulo Pimenta Fotografia

A palavra propagou-se de cela em cela: dança no Estabelecimento Prisional do Linhó, em Cascais. Quem não gosta de dançar?

Fábio inscreveu-se. Ao perceber o que estava em causa, hesitou. “Via a dança contemporânea como algo distante.” Conhecendo Catarina Câmara, a coordenadora artística e social do projecto “Corpo em Cadeia”, sentiu-se motivado. E, com o tempo, algo inesperado aconteceu. “Comecei a fazer os movimentos, a trabalhar com gosto. Comecei a abrir-me mais, a falar mais do meu passado. Comecei a ver as coisas de outra forma, a dar mais valor ao próximo.”

“A minha história não é igual à tua.” Assim se chama o espectáculo que pelas 16h de amanhã se estreia no grande auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, numa parceria da Companhia Olga Roriz, da Direcção-Geral de

Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) e do Instituto Gestalt de Florença, com reposição no Teatro Experimental de Cascais no dia 6 de Agosto.

A coreógrafa Olga Roriz, que com os reclusos trabalhou naquela criação, tem o seu método. Gosta de lançar propostas de improvisação, desafiando os intérpretes a responder de acordo com a sua história. “Há sempre um nível de reconhecimento do outro. Estou sempre interessada em perceber qual é a posição das pessoas na sua vida, na sociedade, no mundo.”

Naquele palco entrarão nove homens, cada qual com um saco. “Chamo-me Fábio e acredito na luz. Eu sou a luz”, anunciará aquele rapaz de 27 anos. Outro: “O meu nome é Jackson. O meu corpo está preso mas a minha mente está livre.” Mais outro: “Chamo-me Juvelino e por vezes sinto-me incompreendido.” Ainda outro: “Sou o Nelson e nunca deixei de sonhar. Já faltou mais.” E outro: “Rui, igual ao meu pai, mas gostava de ser como a minha mãe.”



Um fragmento daquelas vidas. Nas palavras de Catarina, “uma ostra que se abre para revelar a sua pérola”.

A história de Fábio não será igual à sua. Nem à dos outros homens que naquele palco trocarão as suas roupas por figurinos, embora haja pontos em comum. O director do Linhó, Carlos Moreira, traça o perfil. Predominam jovens dos bairros periféricos da Grande Lisboa que ali entram com baixa escolaridade, pouca ou nenhuma formação profissional. Repetem-se histórias de pais desaparecidos ou distantes e mães trabalhadoras e ausentes. E, não raras vezes, emergem estadas em centros educativos ou lares de infância e juventude.

A mãe de Fábio veio de Cabo Verde. Trabalhava “de manhã à noite”. “A assistente social descobriu que eu ficava sozinho em casa. Levou-me para um colégio. Estive lá três anos.” Não se queixa disso. “Ia todos os fins-de-semana a casa. Era um colégio aberto, misto.” Aos 14 anos, recebeu ordem para tornar a casa, onde a mãe continuava a sair às 9h e a voltar às

23h, numa correria entre dois empregos mal pagos e diversos transportes públicos. “Estava muito tempo sozinho.” Na rua, aliou-se a outros rapazes que já fumavam *cannabis* e praticavam crimes. “Comecei a esquecer a minha família, a esquecer quem eu era, a ser outra pessoa.” Para sustentar o novo estilo de vida e ficar bem perante os amigos, alinhou nos roubos.

Desconfia que se não fosse negro pelo menos na primeira vez teria apanhado pena suspensa. Que revolta quando já preso lhe caíram outros processos em cima. Ultrapassando-a, aproveitou para fazer o secundário e participar neste projecto. “Precisava de vir preso para reflectir. Para dar valor a mim mesmo, à minha família, aos que gostam de mim de verdade.”

Catarina, o princípio de tudo
Catarina está na génese de tudo. Estudou Direito. Passou à dança. Fez formação em artes performativas. Integra o elenco da Companhia de Dança Contemporânea Olga Roriz. Como

professora e intérprete, está apostada em incentivar o autoconhecimento, o desenvolvimento pessoal através da dança. Decidiu fazer curso de Terapia Gestalt, um modelo psicoterapêutico que coloca ênfase no indivíduo, mas tem em conta o contexto em que se insere.

Idealizou um híbrido de dança e terapia. Pôs-se a pensar: “Qual o sítio no mundo em que existe menos dança, a coreografia dos gestos é mais apertada, a rotina do movimento é vigiada? As prisões.” Ocorreu-lhe fazer um estágio de seis meses numa prisão feminina e acabou por desenvolver um projecto que vai em três anos numa prisão masculina, com financiamento do Partis – Práticas Artísticas para a Inclusão Social da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em Abril de 2019 estava no Linhó, com um plano de sessões psicoeducacionais alternadas com aulas de dança e expressão artística. Primeiro, só ela e as terapeutas Andreia Tavares e Alexandra Roque. Depois, com outros formadores.

Estabelecimento Prisional do Linhó
O projecto financiado pelo Partis existe já há três anos nesta prisão destinada a jovens adultos da Área Metropolitana de Lisboa

“A minha história não é igual à tua”
Este é o nome do espectáculo no qual participam nove reclusos e que terá a sua estreia amanhã

Espantou-se com o predomínio de africanos e afrodescendentes de países de língua oficial portuguesa naquela prisão. “Senti vergonha.” O pai esteve na Guerra Colonial. “É algo que nós, como nação, como povo, também ainda não resolvemos.” O passado colonial, o racismo estrutural, a desigualdade. “Eu pertenço a um sistema em que estas coisas estão vivas.”

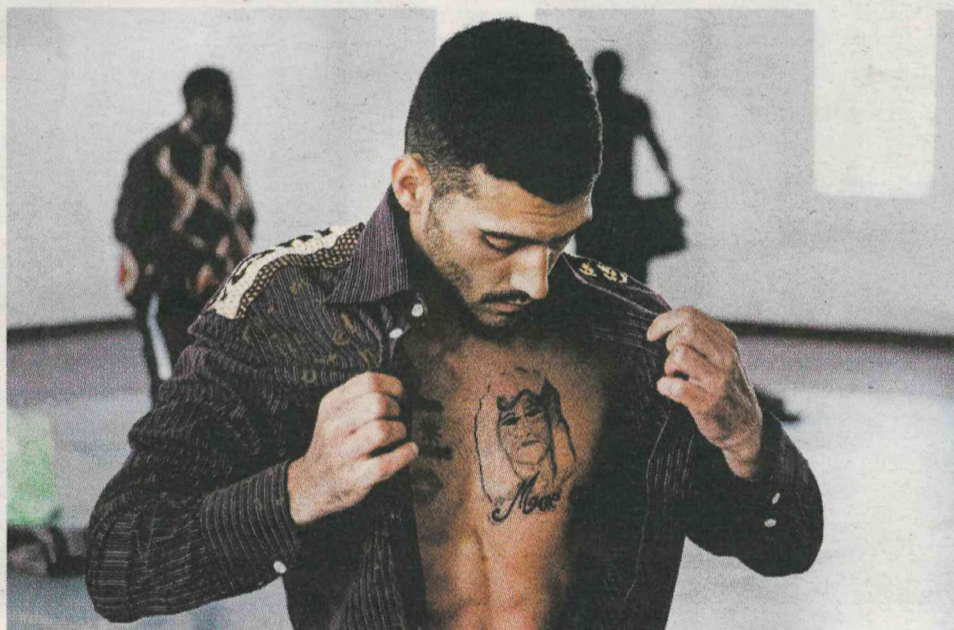
Não quis apenas incorporar algo dessas culturas no projecto. Quis “incluir pessoas negras que

funcionassem como referentes positivos, que partilhassem uma cultura, que viessem desarrumar a lógica piramidal e cromática da casa”. De repente, havia um homem de rastas que entrava ali e gerava uma pequena confusão. Não era um recluso nem um familiar. Era Nelson “Henda” Vieira Lopes, negro, africano, psicólogo, formador, capoeirista.

Para chegar àqueles homens, ajudá-los a superar a imagem que têm de si próprios, a verem-se para lá do número que lhes é atribuído à entrada, a experimentar outros gestos, outras abordagens ao outro, arriscou criar um espaço de intimidade. “Para eles correrem esse risco, a equipa também tem de correr. Correr riscos é abrir os braços, dizer: ‘Estou aqui, aceito-te como tu és.’”

Dois dias por semana, na antiga capela convertida em sala multiusos, não têm de ser duros. Podem “praticar a gentileza”. Nesse processo de descoberta do eu, do outro, houve momentos de questionamento ou mesmo de fricção. Catarina

Sociedade



procurou estar de “uma forma afectiva, com humor”. Firme na crença de que estes homens, muitas vezes “órfãos de afecto e criatividade”, também são capazes de “construir novas e inesperadas formas de beleza”.

O director atribui-lhe nota máxima. Admite que esta é uma “prisão difícil”. Há muita gente que acumula processos disciplinares. “Neste momento, entre aqueles que fazem parte do projecto, de vez em quando há um que tem um processo, mas por coisas menores. Não é por agressividade. Portanto, na vertente da regulação do comportamento tem surtido efeito.” Não aprendem só a gerir melhor as emoções, a manter a calma. “Também a ganhar mais respeito pelo próximo.”

Saber perdoar

O mais velho do grupo – 42 anos e numa prisão onde o comum é ter menos de 30 – lembra-se da estranheza inicial. Paulo olhava em seu redor. “O que estamos aqui a

fazer?” A dança contemporânea não tem os rigores da dança clássica, mas nem por isso deixava de abalar algumas crenças sobre a masculinidade. Saindo dali, ainda ao descer as escadas, já alguns soltavam comentários. “Aquele movimento, parece uma gaja.” “Aquilo é amaricado, não é?”

Deixou-se ir. “Se não gostar, ponho-me a andar.” Quase dois meses depois, soube que seria transferido. Abriu-se com Catarina. “Este projecto está a fazer-me bem...” E ela dispôs-se a falar com o director. Afinal, os 16 candidatos tinham sido seleccionados pela prisão no pressuposto de que haveria continuidade. Paulo ficou impressionado. Ela importava-se. Não está habituado a que se importem.

“A minha história não é igual à tua.” A de Paulo, ao que ele conta, não é igual à sua nem à dos colegas.

Teria uns três anos, o pai foi buscá-lo à escola sem a mãe saber. Disse-lhe que a mãe tinha morrido. E Paulo andou com ele de um lado

para outro até ele se cansar e o abandonar numa instituição da Guarda. Já era adolescente quando a mãe apareceu. Não a quis ouvir. “Estava revoltado por o meu pai me ter abandonado. E apareceu uma senhora a dizer que é minha mãe. Eu pensei: só agora? O que se passa?”

Não imaginava que o pai o usara para ferir a mãe nem que ela o procurara. Bateu-lhe à porta quando, feitos os 18 anos, o padre que dirigia a instituição o pôs na rua com um bilhete de camioneta e uma morada de Lisboa. A avó – com quem vivia a mãe, a irmã e um tio – disse-lhe que voltasse pelo mesmo caminho que viera, que não havia espaço para ele naquela casa.

Caiu nas ruas. Dedicou-se aos pequenos furtos. Meteu-se nas drogas. Livrou-se delas nos meses em que esteve em prisão preventiva. Ao sair, com uma pena de três anos suspensa, a mãe já reunira condições para o acolher. “Tentei. Estive um mês [em casa dela].” Não sentia qualquer ligação afectiva à mãe nem à irmã. Nada o

ligava àquelas mulheres. “Não fui criado com elas.”

No regresso à Guarda, apaixonou-se por uma rapariga. Andaram por aí, fazendo pequenos trabalhos. Foram parar a Catarredor, uma aldeia de xisto da serra da Lousã que acolhia uma comunidade hippie. Foi lá que tirou a vida a um homem. Pensando bem, aquela raiva imensa não era contra aquele homem, era contra o pai. “Não me vou perdoar por ter tirado uma vida humana. Não me vou perdoar. Não consigo. Aquelas imagens estão sempre na minha cabeça...”

“A minha história não é igual à tua.” Amanhã, no palco, este homem dirá: “O meu nome é Paulo. O mundo é uma merda enquanto as pessoas não souberem perdoar.” Outro: “Muitos anos a carregar peso em cima das costas, acredito no dia de amanhã, senhor. O meu nome é Wilson.” E ainda outro: “Chamo-me Beto, sou de Alfama. Gosto de fado e da cor preta.” E outro: “O meu nome é Jefferson

mas hoje sou o 294. Fui uma presa fácil do destino.”

Um lugar no mundo

Só no início do ano começaram a trabalhar na criação dirigida por Olga Roriz. A coreógrafa fala com eles como se fossem profissionais. Crê que essa exigência os leva a adoptar uma postura de seriedade. Embora lhes falte a linguagem da dança e lhes sobrem constrangimentos no dia-a-dia, foram mostrando o que são “nos movimentos e nas palavras”.

Um dia, Olga desafiou-os a pegar em giz e a desenhar a cela no chão. Lembra-se de que pôs música a tocar e de que olhou para eles e eles lhe pareceram “crianças, no bom sentido”. “Todos a fazer o mesmo desenho, a tirar as medidas. E nós a percebermos que aquilo era três passos por cinco passos.” Embora tivesse ficado com um nó na garganta só de pensar no número de anos de encarceramento de alguns, alegrou-se com o resultado. “É a fronteira entre a arte e a realidade.” Reclusos a desenhar a



sua cela, com cama, armário, lavatório, sanita. “É um objecto artístico maravilhoso.” Integrou-o no espectáculo.

Nunca pensou fazer um espectáculo sobre a qualidade da comida servida nos refeitórios, os preços praticados na mercearia, em suma, sobre as reivindicações no sistema prisional. Sempre quis que aqueles homens, entretanto reduzidos a nove, “se focassem neles, no que sentem, no que os prende à vida, no que os faz viver”. Era isso que a dança lhes podia dar de “salvação”. E ficou convencida de que, com esta experiência, algo mudou dentro deles. “São homens que sonham”, que acreditam na “possibilidade de terem um lugar no mundo”.

“A minha história não é igual à tua.” Fábio sonha. De oito anos de pena cumpriu cinco. Está quase, quase de saída.

Não é de se meter em sarilhos. Menciona dois castigos por infracções menores, como ter a PlayStation de um colega na sua cela. “Eu faço tudo para sair daqui o

mais depressa possível porque a minha vida não é aqui, a minha vida é lá fora.”

Quer trabalhar, formar uma família. Quer que a mãe se orgulhe dele. Quer que a filha se orgulhe dele. Quer orgulhar-se de si próprio.

O projecto “Corpo em Cadeia” ajudou-o no seu processo interior. “Fez com que conseguisse desabafar coisas. Se for preciso traumas, coisas que marcaram a minha infância, que nunca disse a ninguém, consegui dizer no grupo.” E isso foi libertador. “Sempre ouvi: guardar faz mal.”

“A minha história não é igual à tua.” Paulo tem dificuldade em sonhar. De 22 anos, cumpriu 17. Devia sair no início do próximo ano.

Dir-se-ia que decidiu boicotar a sua libertação. Aproveitou uma saída autorizada para introduzir uma minúscula quantidade de droga no estabelecimento prisional. Agora, terá de responder por tráfico de droga – agravado. Tem medo de sair?, pergunta-se-lhe. “Tenho.” Porquê? “O que vou lá fora fazer?”

Não tem quem o espere, muito menos quem o ampare.

Tantos anos encarcerado, primeiro em Coimbra depois no Linhó. Nunca se sentiu acompanhado. “Não há aquele incentivo. Quer estudar? Estuda. Quer trabalhar? Trabalha. Faz o que quiseres, desde que não chateies os guardas.” Tirou, por exemplo, o curso de técnico de desporto, que dá equivalência ao 12.º ano, mas nunca exerceu. Volvidos dez anos, de que lhe serve?

Frequentar o Curso de Ciências Sociais da Universidade Aberta, que interrompeu desde que foi apanhado com droga e perdeu o trabalho que tinha na escola, fê-lo questionar o sistema. “Sim, temos de ser condenados. Praticámos o mal. Só que justiça devia também ser restaurativa. O que estive aqui a fazer estes anos?” Julga que uma pessoa não precisa de passar tantos anos retirada do mundo para interiorizar culpa. Mais útil seria, numa prisão ou numa casa de transição, delinear um projecto de vida que a livrasse

Olga Roriz

A coreógrafa (em cima à esquerda) começou a trabalhar com os reclusos nesta criação em Janeiro deste ano

Catarina Câmara

A coordenadora (em cima do Corpos em Cadeia idealizou um projecto que alia a dança à terapia

de reincidir e procurar segui-lo.

Catarina gosta de dizer que para fazer diferente é preciso imaginar. O projecto não acaba agora. No seu entender, isso seria “pavoroso”. “Sais de uma prisão, entras no palco, a ribalta, as luzes, o calor, um clímax e depois tudo aquilo cai abruptamente. Voltas para a carrinha, algemado. Tchau. Adeus.”

A equipa vai acompanhar essa “aterragem”. E continuar a trabalhar com estes homens até ao final do ano para que haja uma reflexão sobre o que representou o

“Corpo em Cadeia” nas suas vidas, como podem transformá-las.

O projecto deverá recomeçar ali no próximo ano, com mais reclusos. E Catarina ambiciona levá-lo a outras prisões e desenvolver uma abordagem que envolva guardas prisionais, magistrados, advogados. “Isto agora são desejos, são sonhos aos quais nós queremos dar corpo, mas aquilo que gostaríamos era de incluir ex-reclusos, pessoas que queiram continuar ligadas a este projecto e que possam acompanhar-nos, servir como referências positivas para outras pessoas.”

Em qualquer caso, será “um modelo um pouco diferente, com artistas convidados, temas específicos, como a masculinidade”. Catarina já está a magiar. “Como é que posso ser um homem mais inteiro? Quais são as estruturas patriarcais machistas que eu tenho dentro de mim e que eu preciso de detonar? É detonar o patriarcado, com poesia, com amor – e alguma ‘porrada’ se for preciso.”